

Muito Além das Aparências: O retrato da realidade de um travesti no interior brasileiro¹

Ana Paula de MACEDO²
Ronaldo Divino BORGES³
Iuri Barbosa GOMES⁴
Lawrenberg Advíncula da SILVA⁵
Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat

Resumo: Este trabalho consiste num estudo fotoetnográfico e fotojornalístico da realidade de um travesti, que trabalha como *profissional do sexo* numa zona de meretrício no município de Alto Araguaia – MT. O objetivo é desconstruir a visão estereotipada da prostituição envolvendo homossexuais, a partir de uma leitura mais humanizada e, assim, perfilada (reportagem perfil). Mais que o registro fotográfico, busca-se dar o protagonismo a grupos historicamente marginalizados pelo discurso social e midiático, a partir de reflexões suscitadas da intersecção entre as disciplinas de Fotojornalismo e Estudos Culturais e Mídia.

Palavras-chave: Fotojornalismo; Fotoetnografia; Gênero; Subjetividade; Sexualidade.

1 INTRODUÇÃO

O estudo fotoetnográfico foi realizado no município de Alto Araguaia, estado de Mato Grosso, por alunos do curso de Jornalismo, pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), durante as aulas de Fotojornalismo e Estudos Culturais e Mídia. E permitiu um olhar mais aprofundado e crítico em torno das questões ligadas à identidade de gênero, à subjetividade e à sociabilidade dos grupos considerados marginalizados, subalternos. Ao mesmo tempo, a leitura jornalística via reportagem perfil corrobora enquanto vetor de denúncia social a um problema vigente e de interesse público, no caso identificado no ato de retratar a realidade do travesti numa cidade de 15 mil habitantes e localizada num ponto de grande tráfego de carretas.

Ambas as leituras possibilitam uma compreensão mais holística acerca da fotografia, reiterando os estudos de Kossoy (2001) do papel social do fotógrafo no registro e memória

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal-Mural.

² Aluna líder do grupo e estudante do 6º Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: anamacedo.mourad@hotmail.com.

³ Membro do grupo e estudante do 6º Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: ronaldotga2009@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, email: i.b.simples@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, email: lawrenberg@gmail.com.

de fatos e histórias de vida. Na mesma medida em que desconstruem o imagético de travesti e sua incursão no mundo da prostituição.

“Na década de 1990, Aparecida Moraes, em *Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*, partindo da perspectiva que as prostitutas não devem ser vistas somente como vítimas, fez um estudo sobre prostituição feminina na Vila Mimosa no Rio de Janeiro. O objeto de estudo foram as mulheres do baixo meretrício que, a partir da identidade de prostituta, lutaram para fortalecer a autoestima, vencer preconceitos e melhorar o espaço em que viviam.” (LOPES, 2010: p.22)

O trabalho fotográfico foi realizado no bar da Sheila, renomada zona de meretrício da área periférica da cidade de Alto Araguaia. Ao seu redor encontra-se grande tráfego de trabalhadores, tal qual foi constatado pela a proprietária do bar que o maior índice de pessoas frequentadores do local corresponde ao de trabalhadores das empresas e indústrias da região, a maioria vinda de outros estados do país.

Visto o valor das imagens como fontes documentais e observados os critérios técnicos da fotografia e a metodologia de análise da antropologia, é importante frisar que a fotoetnografia permite a recuperação de diversos dados relacionados aos grupos étnicos registrados, a manutenção de culturas sociais e oferece bases comparativas, uma vez que a sociedade e, portanto, a cultura e costumes étnicos, são elementos dinâmicos e sujeitos a constantes mudanças de referenciais antropológicos, sobretudo, quando a representação do homossexualismo e suas relações cotidianas no ambiente de prostituição.

2 OBJETIVO

As imagens retrataram o cotidiano, a sensualidade, a homossexualidade e a subjetividade da realidade de um travesti, sob o objetivo de desconstruir a visão estereotipada da prostituição envolvendo homossexuais, a partir de uma leitura mais humanizada e, assim, perfilada.

3 JUSTIFICATIVA

De acordo com a Secretaria de Direitos Humanos da República (SDH), há um aumento de 166,09% de denúncias e 46,6% de violações contra o público de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, abreviado por LGBT. O maior número dessas denúncias foi feita

no estado de Mato Grosso, em 2012. Entretanto, a travesti Mirella, personagem da fotorreportagem, sofreu grandes preconceitos intrafamiliar e extrafamiliar.

Trata-se de uma realidade premente que, na maioria das vezes, não recebe o devido cuidado pela mídia jornalística. Pelo contrário, o que mais se nota são abordagens estereotipadas e forte teor de preconceito, que acabam se agarrando a antigos estigmas enquanto estratégia muito mais de desconstruir o público do que conscientizá-lo.

Nesse sentido, ao concebermos o fotojornalismo em uma abordagem profissionalmente falando, consideramos que para muitos jornalistas contar histórias através de fotos deve ser uma experiência profissional independente do veículo de comunicação, seja na televisão, na mídia impressa ou até mesmo na internet.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Primeiramente foi feita uma análise do local, onde atualmente ocorre prostituição de travesti em Alto Araguaia - MT. Por se destacar pela história de vida e os sonhos existenciais, o jovem Adriel Gonçalves Prado, de 19 anos, que é uma travesti, conhecida por Mirella, foi a personagem escolhida para a fotorreportagem.

Num primeiro momento, fez-se uso de incursão etnográfica do ambiente. Esta incursão que, segundo Geertz (1989), compreende-se de um método tradicional que visa realizar a descrição dos significados pertencente a um determinado grupo.

As entrevistas foram feitas no mês de maio de 2013, com base nas leituras de Lage () que define a entrevista por um processo de apuração de informações, sendo a ampliação da consulta às fontes, objetivando as interpretações e as reconstruções do fato.

Já no segundo momento, a fase analítica, buscou-se comparar os resultados coletados pelas perspectivas etnográficas e jornalísticas a fim de conceber um material único e, sobretudo, interpretativo.

Por esse viés, o jornalista é pesquisador e atua na sua ânsia na cobertura dos fatos pela ênfase à exploração da natureza e de um fenômeno social particular. Nesta condição, de modo mais perscrutador, ele inicia observação, realiza entrevistas em profundidade, analisa o discurso dos informantes, investiga os detalhes de um fato; enfim, interpreta os significado e práticas sociais. Revela todas as nuances humanas da reportagem perfil.

Ainda nesta coleta de dados, buscou fazer entrevistas e criar diálogos informais com os principais interlocutores, constituídos de fontes informais, com uma perspectiva de

interação entre o pesquisador e o campo pesquisado. Apoiada no livro “Noites de Cabaré”, do antropólogo e professor Fábio Lopes (2010), apresentou-se as problemáticas ocorrentes nesta história, ao descrever o ambiente estudado e seus personagens por uma gradiente mais além ao evidenciado pela cobertura noticiosa convencional.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Essa parte do trabalho foi executada em conjunto por dois autores, os alunos do quinto semestre: Ana Paula Macedo e Ronaldo Borges; isso durante a atividade de campo da matéria de Fotojornalismo. Foi feita uma pesquisa quanto aos temas a serem explorados, que foram definidos em discussão aberta durante as aulas na disciplina de Estudos Culturais e Mídia. De modo geral, a entrevista e as fotos da travesti representavam três aspectos correspondentes: 1) a vida pregressa à assunção do homossexualismo; 2) a assunção do homossexualismo; e 3) o início da prostituição.

As fotografias foram feitas ao final da tarde por uma câmera fotográfica **Canon XSI**, 16 Mpx, 18-55 mm, com película monocromática. A escolha da câmera e a da película se justificam devido a complexidade do tema em si e a necessidade de perfilar o personagem reportado. Isto porque o personagem perfilado desde os 11 anos já sentia atrações por meninos e teve o seu primeiro beijo. Mas como frequentava a igreja Assembleia de Deus, achava que aquilo era errado. Tentou-se apaixonar por uma menina, logo em seguida desistiu “sentia nojo”. Já aos 12 anos, cantava na igreja e gravara um CD gospel.

No trecho abaixo, extraído da fotorreportagem, há uma descrição acerca da iniciação sexual da travesti e de sua relação familiar.

Um ano mais tarde, teve sua primeira relação sexual com um homem não identificado. Depois disso, prometera para si mesmo que nunca mais faria isso. Nesse período era integrante como vice-presidente do conjunto de jovem da igreja, do qual sua irmã era presidente. Tendo a irmã como exemplo, candidatou-se para presidência e não ganhara as eleições. Havia uma rejeição dos membros da igreja, o que lhe causara revolta pessoal.
(05/06/2013)

As fotografias abaixo ilustram a feminilidade, a sensualidade e a realidade social como resultadas da simbiose entre observação etnográfica e cobertura jornalística. Elas foram trabalhadas em paletas monocromáticas, com dois enquadramentos: Plano Geral para evidenciar a interação do perfilado com sua realidade cotidiana, e Plano Médio para perfilar aspectos culturais e subjetivos da personalidade.

Na primeira imagem, a travesti, em primeiro plano, é retratada no contraste entre a estética do belo e o rudimentar, pela parede rebocada ao fundo e, acima de tudo, ambientação do imagético do típico quintal.



Crédito: Ana Paula Macedo

De acordo com Hegel (2001), “mesmo existindo objetivamente, o belo não se destina ou é reconhecido pelo entendimento e nem pela vontade subjetiva”. Esta definição hegeliana parece-nos pertinente para justificar uma estética de beleza que transcenda a dicotomia clássica de gênero entre gostos e preferências afetivas.

Durante a entrevista, a travesti Mirella não escondeu a sua vaidade, assim quanto, seu sonho em ser modelo. A fotografia abaixo explicita seu desejo:



Crédito: Ana Paula Macedo

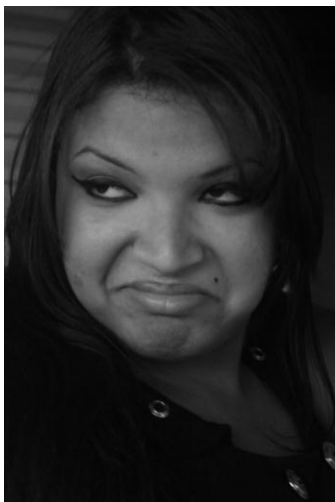
Este sonho de ser modelo acompanha a travesti desde o início da adolescência, mesmo que ainda contrastando com o preconceito social e familiar.

“O melhor presente que eu poderia ganhar” recorda com um belo sorriso. Ela saiu para rua toda montada de “drag queen”, e ainda havia um desfile cívico na cidade de Perolândia / GO.

Ao vê-la subindo contra mão do desfile, o pessoal olhava-lhe assustado. A fanfarra chegara a errar o ritmo, ao ponto de parar com música. “Eu fiquei nervosa, minha mão suava, eu tremia... Quando a música parou, eu comecei a chorar e só pensava em ir embora”, relembra entristecida.

A surpresa e o preconceito ficaram nítidos naquele momento. Tanto para as pessoas, quanto aos pais que viram aquela cena. O seu pai ainda falou-lhe, “você está ridículo”, com relação vestimenta feminina.

Mas talvez as fotografias que dizem mais a respeito do perfil de Mirella sejam as duas de baixo. A primeira, em formato retrato e em plano próximo, tem no contraste do preto e branco pistas e índices para a leitura do semblante psicológico e personalidade dela; enquanto a segunda, em formato paisagem e em plano conjunto, logo se depara com pistas visuais que sintetizam as contradições aparentes e inevitáveis do cotidiano de trabalho.



Créditos: Ana Paula Macedo

Ambas as fotografias monocromáticas reiteram o caráter documental da cobertura jornalística, sobretudo no que tange o registro de histórias de vidas. Este registro visual, muito mais que mais uma narrativa a despertar novos olhares acerca da realidade de casas de meretrício, problematiza temas como sexualidade, homossexualidade, gêneros e sociabilidade subalterna que historicamente sempre foram vistos como tabus dentro de uma sociedade patriarcalista, machista e marcada por um discurso paradoxal de laicismo. Enquanto o filme *Bruna Surfistinha* (2011)⁶, inspirado no livro da garota de programa Raquel Pacheco, levou a opinião pública à conclusão que a vida na prostituição parece ser um circuito vicioso e sem volta, a fotorreportagem perfil da realidade de um travesti no interior de Mato Grosso parece adicionar uma dosagem homeopática de glamour e humanidade, mesmo que às vezes em condições precárias, como as percebidas na casa de meretrício, conhecida como Bar da Sheila.

Abaixo, eis uma fala que sintetiza parte do drama vivenciado pela travesti.

“Eu sofri muito nessa casa de prostituição, cheguei apanhar várias vezes dos homens, porque eles achavam que eu era mulher e eu não sou. E ainda tinha que dá dinheiro para Lorraina, só pra ela ficar de bico calado, por conta da minha idade.” (05/06/2013)

Ainda analisando a fotografia que mostra a realidade cotidiana da travesti no bar da Sheila, durante a reportagem foi coletado um depoimento que, durante o presente processo, consideramos chave na elucidação jornalística quanto etnográfica. No depoimento, narra-se o cotidiano de muitas garotas e travestis que trabalham num modelo de permuta com os proprietários de casas de meretrício. Nesse sentido, a prostituição acaba ocorrendo naturalmente, à medida que, pessoas como Mirella se enveredam num meio social, que parece ser rotineiro já: a circulação de drogas como álcool e maconha, a presença de indivíduos de alta periculosidade, a corrupção de menores, o furto como condição de

⁶ Um dia, uma jovem de classe média chamada Raquel toma uma decisão surpreendente: virar garota de programa. Ela foge de casa e vai viver num privê, onde as garotas moram e recebem clientes. Adota o nome de Bruna e fica amiga daquelas mulheres, como a intempestiva Janine. Ali conhece Huldson, que vai se empenhar em tirá-la da prostituição. De ingênua e desajeitada, Bruna se torna a garota de programa mais disputada do lugar e a que mais ganha dinheiro. Conhece a sofisticada Carol, que lhe mostra a prostituição de alto luxo, e aluga um flat para receber seus próprios clientes. A fama nacional vem quando, com o nome de Bruna Surfistinha, passa a contar num blog suas aventuras sexuais e afetivas como garota de programa. Mas Bruna vê seu dinheiro e sua saúde serem consumidos pela cocaína e, quando chega ao fundo do poço, é hora de dar uma nova guinada em sua vida.

sobrevivência, e o total descaso das instituições responsáveis em políticas de assistência social e familiar.

“A vantagem é que o cliente paga diretamente para a Sheila (proprietária do bar) e depois ela acerta com agente. O valor do programa é cinquenta reais, com prazo de quarenta minutos no máximo, passou disso, paga os outros quarentas minutos. E o cliente paga a parte o valor do quarto, que é vinte reais.” (05/06/2013)

Em outras palavras, a fala da travesti Mirella o que o contraste em preto e branco e as nuances e silhuetas da fotografia do ambiente do bar simbolizam. Mirella e colega de trabalho misturam-se com as mesas, garrafas de cerveja e um fundo formado por uma rua bastante trafegada. Esta composição fotográfica sintetiza a realidade do travesti, da casa de meretrício e da cidade. Enfim, três realidades e capturadas graças a sensibilidade etnográfica e os princípios de noticiabilidade do fotojornalismo (impacto social, políticas públicas), no que tange reportagem perfil.

6 CONSIDERAÇÕES

Podemos constatar que a travesti possui uma história dramática e alguns dilemas existenciais que, por sua vez, ficam escancaradas por uma sociedade ainda preconceituosa e cheios de tabus, em idos do século XXI. Em nossa passagem pela casa de meretrício, percebemos a importância da atividade exercida por Mirella, como funciona seu trabalho, quais são as situações que são submetidas, o risco que corre tendo relação com outros homens, a falta de respeito que é dado perante a profissional do sexo.

Ao visitar e conversar com a travesti, fica ainda mais claro o problema de não poder viver naturalmente dentro de uma sociedade. O sonho de ser uma “pessoal normal” fica a desejar e o que mais chamou atenção à falta de apoio familiar no primeiro momento. Em uma de suas palavras que chamou atenção foi o desejo de ser modelo, sabendo que existe dentro da sociedade essa possibilidade, mesmo que ainda é para poucos (limitado).

Pudemos também observar claramente a influência da zona de meretrício sobre a travesti, as normas que tem que ser levadas em consideração e obedecidas por ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Fábio Lopes. **Noites de Cabaré prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício**. São Paulo: Arte e Ciência, 2010.
- ANDRADE, R. de, **Fotografia e Antropologia: Olhares Fora-Dentro**, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- BARTHES, Roland. **O Obvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- DELAHAYE, Luc. **Winterreise**. London: Phaidon, 2000.
- ESTRELLA, Charbelly e GONZALVES, Fernando do Nascimento. **Comunicação, cidades e invasões artísticas**. São Leopoldo: UNIREVISTA, Vol. 1, nº 3, 2006.
- HEGEL, George. W. **Cursos de estética**. São Paulo: Edusp, 2001.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1989.
- JOLY, Martine. **Imagem e a sua interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LAGE, Nilson, 1936 - **A reportagem: teoria e técnica de entrevista**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.